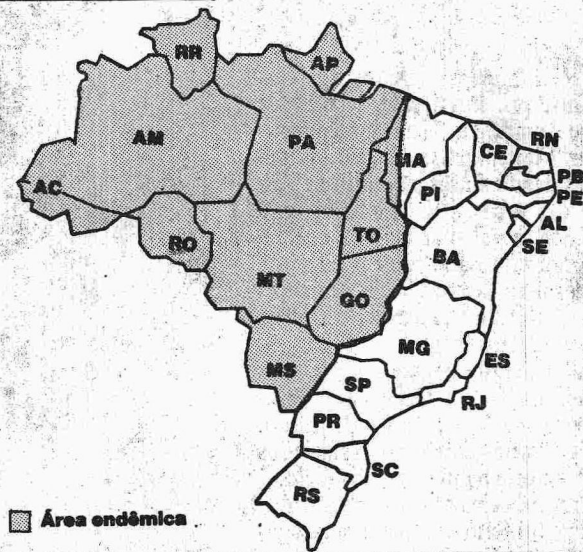


O Brasil doente

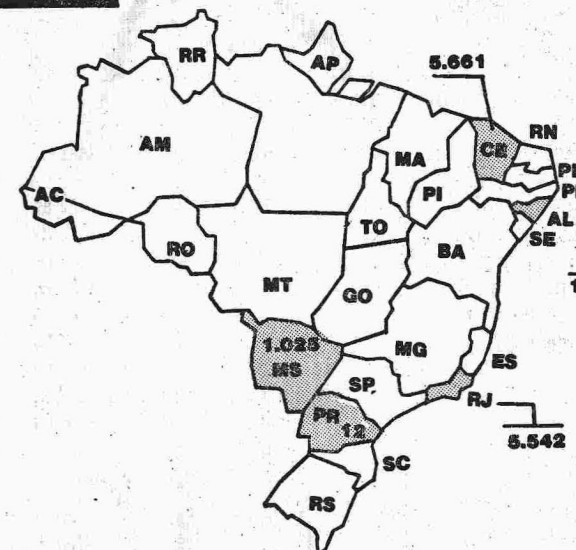
Malária



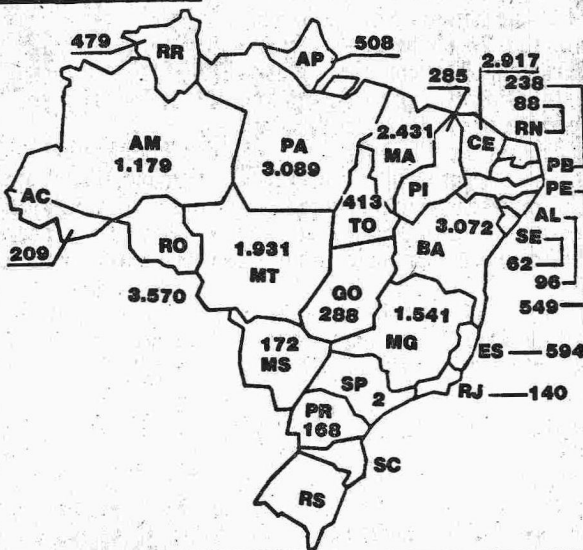
Febre amarela



Dengue



Leishmaniose



Fonte: Ministério da Saúde

Ministério admite a expansão de doenças endêmicas em 1990

BRASÍLIA — As previsões do Centro Nacional de Epidemiologia este ano para a população brasileira são sombrias. A tendência das principais doenças que atormentam o país está em curva ascendente. O Ministério da Saúde prevê para 1990 a ocorrência de 600 mil novos casos de malária — 150 mil apenas em Manaus — e o início da urbanização da doença.

Além disso, estima-se um aumento significativo de doenças como tuberculose, que hoje afeta 80 mil pessoas com 5 mil óbitos anuais; Chagas, que atinge 5 milhões de pessoas com 7 mil óbitos anuais; hanseníase, que ataca 256 mil brasileiros, mas o próprio Ministério admite que este número possa chegar a mais de 500 mil porque só a metade dos casos são notificados; leishmaniose, com 74.336 casos e teme que neste verão aconteça uma explosão de dengue hemorrágico, principalmente no Rio de Janeiro, com a possibilidade de infectar entre 30 mil e 100 mil pessoas.

“A malária fugiu do nosso controle. Por isso solicitamos o apoio das Forças Armadas para combatê-la” — admite o ministro Alcení Guerra, que também vai contar com a ajuda dos militares para deter uma possível epidemia de dengue. “Nossa

situação hoje é parecida com a de Cuba em 1981. Por analogia, poderíamos ter entre 35 mil e 55 mil casos no Rio, com um índice de mortalidade de entre 1% e 2%. Mas isto é apenas um exercício matemático e não vai acontecer. Nós temos a chance de combater a dengue antecipadamente, evitando uma catástrofe maior”, afirma Alcení Guerra, que está implantando um plano emergencial para o estado, com um repasse imediato de Cr\$ 900 milhões para a compra de insumos e equipamentos.

Dilermundo Fazito de Rezende, 46 anos, coordenador do Programa de Malária da Fundação Nacional de Saúde, está aterrorizado com a possibilidade de uma epidemia de febre amarela. Apesar de no ano passado terem sido registrados apenas dois casos, este ano o número subiu para nove e o epidemiologista não descarta a possibilidade de haver mais notificações. O raciocínio de Rezende se baseia na atual epidemia de dengue, que é transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti* e que pode se tornar transmissor da febre amarela.

O coordenador do Programa da Malária, no entanto, está confiante

na erradicação da doença nas zonas urbanas e na redução de novos casos na área rural. Ele acredita que até 1994, o número de casos de malária cairá para 100 mil anuais. Mas se mostra cético em relação aos garimpos abertos e frentes de desmatamento. “Nestes locais é praticamente impossível erradicar a malária. Hoje não existe uma tecnologia única para combater a doença e não temos meios para atacar a malária nesses casos”, admite. Rezende lembra que das 577 mil notificações registradas no ano passado, 560 mil foram na Amazônia Legal e 244 mil em regiões de garimpo de Rondônia.

O coordenador do Centro Nacional de Epidemiologia, Pedro Taui, aponta o desmatamento descontrolado como o maior responsável pelo aumento de casos de leishmaniose, doença causada por um protozoário transmitido por um inseto conhecido popularmente como mosquito palha ou birigui. Recorda que a leishmaniose tegumentar, que causa úlceras por todo o corpo, apareceu no país durante a construção da estrada de ferro de Bauru (SP). “O homem deve parar de agredir o meio ambiente para evitar males maiores”, adverte.